

Um

«Todas as famílias felizes são mais ou menos diferentes; todas as infelizes são mais ou menos semelhantes», diz um grande escritor russo no princípio de um famoso romance (*Anna Arkadieivitch Karenina*, transfigurado em inglês por R. G. Stonelower, Mount Tabor Ltd., 1880). Esta afirmação tem pouca ou nenhuma relação com a história que vai agora desenrolar-se, uma crónica de família cuja primeira parte está, talvez, mais próxima de uma outra obra de Tolstói, *Detstvo i Otrochestvo* (*Childhood and Fatherland*, Pontius Press, 1858).

A avó materna de Van, Daria («Dolly») Durmanov, era filha do príncipe Peter Zemski, governador de Bras d'Or, província americana do Nordeste do nosso grande e variado país, e que desposara, em 1824, Mary O'Reilly, uma elegante irlandesa. Dolly, filha única, nasceu em Bras e em 1840, com a tenra e instável idade de quinze anos, casou com o general Ivan Durmanov, comandante da Fortaleza de Iucão e pacato nobre rural, com terras nos Severn Tories (Severnïya Territorii), esse protectorado enxadrezado e ainda carinhosamente chamado Estoty «russo», que se junta, granoblasticamente e organicamente, com o Canady «russo», aliás, Estoty «francês», onde colonos não só franceses mas também macedónios e bávaros desfrutam de um clima aprazível, à sombra da nossa bandeira das estrelas e riscas.

No entanto, o domínio favorito dos Durmanovs era Raduga, próximo do burgo desse nome, fora dos limites da Estotilândia, na faixa atlântica do continente entre a elegante Kaluga, New Cheshire, E. U. A., e a não menos elegante Ládoga, Mayne, onde tinham a sua casa da cidade e onde os seus três filhos nasceram: um rapaz, que morreu jovem e famoso, e duas gémeas difíceis. Dolly herdara a beleza e o temperamento da mãe, assim como uma característica ancestral mais antiga de gosto caprichoso, e não raro deplorável, reflectido, por exemplo, nos nomes que

deu às filhas: Aqua e Marina. («Porque não Tofana?», perguntava a si mesmo o bom e supramajestosamente armado com chifres general com um riso de ventre controlado e seguido por uma tossezinha de fingido desinteresse, pois temia as explosões de mau génio da mulher.)

Em 23 de Abril de 1869, na chuvosa e quente, nevoenta e verde Kaluga, Aqua, então com 25 anos e atormentada pela habitual enxaqueca vernal, casou com Walter D. Veen, banqueiro de Manhattan de antiga linhagem anglo-irlandesa, o qual mantivera durante muito tempo, e não tardaria a reatar intermitentemente, um romance apaixonado com Marina. Esta casaria, em 1871, com o primo direito do seu primeiro amante, também chamado Walter D. Veen e quase tão opulento como ele, mas muito mais enfadonho.

O «D» do nome do marido de Aqua era a abreviatura de Demon (uma forma de Demian ou Dementius), como era tratado pela família. Em sociedade, era geralmente conhecido por Raven Veen ou simplesmente por Dark Walter, para o distinguirem do marido de Marina, Durak Walter ou simplesmente Red Veen. O passatempo duplo de Demon consistia em coleccionar mestres antigos e amantes jovens. Também gostava de trocadilhos de meia-idade.

A mãe de Daniel Veen era uma Trumbell, e ele tinha tendência para explicar com minúcia — a não ser que um chato, chateado, lhe cortasse as voltas — como, no curso da história da América, um *bull* inglês se transformara num *bell* da Nova Inglaterra¹. «Entrara para os negócios», não se sabia bem como, e antes dos trinta anos fizera-se um rico negociante de arte de Manhattan. Não tinha — pelo menos inicialmente — qualquer gosto especial pela pintura, nenhuma aptidão para qualquer espécie de venda e absolutamente nenhuma necessidade de sacudir, com os altos e baixos de um «negócio», a sólida fortuna herdada de uma série de Veens muito mais eficientes e empreendedores. Alegando que não gostava muito do campo, passava apenas alguns fins-de-semana estivais, cuidadosamente protegido dos ardores da canícula, em Ardis, a sua magnífica mansão situada perto de Ladore. Desde a mocidade, poucas vezes visitara outra propriedade que possuía lá para norte, no lago Kitezh, perto de Luga, a qual compreendia, e praticamente só nisso consistia, o grande e estranhamente rectangular, embora absolutamente natural, corpo de água que uma perca que ele uma vez cronometrara levava meia hora a atravessar em diagonal e de que era dono conjuntamente com o primo, grande pescador na sua juventude.

A vida erótica do pobre Dan não era nem complicada nem bela, mas, fosse lá como fosse (depressa esqueceu as circunstâncias exactas, como

se esquecem as medidas e o preço de um sobretudo mandado fazer com gosto e usado intermitentemente durante pelo menos duas estações), apaixonou-se agradavelmente por Marina, cuja família conhecera quando ainda tinham a sua propriedade em Raduga (mais tarde vendida a Mr. Eliot, homem de negócios judeu). Uma tarde, na Primavera de 1871, declarou-se a Marina enquanto subiam no elevador do primeiro edifício de dez andares de Manhattan, foi indignadamente recusado na sétima paragem (brinquedos), desceu sozinho e, para arejar os seus sentimentos, iniciou, em sentido contra-Fogg, uma tripla viagem à roda do mundo, adoptando, como paralelo animado, o mesmo itinerário em todas elas. Em Novembro de 1871, quando elaborava os seus planos nocturnos com o mesmo fedorento mas simpático cicerone, numa suíte *café-au-lait* que já alugara duas vezes no mesmo hotel genovês, chegou um aerocabo de Marina (reexpedido com uma semana inteirinha de atraso pelo seu escritório de Manhattan, que o arquivara, por descuido de uma empregada nova, num cacifo marcado: REF. AMOR) numa salva de prata a dizer-lhe que casaria com ele quando regressasse à América.

Segundo o suplemento dominical de um jornal que começara a publicar, na sua secção de banda desenhada, o já há muito defunto Good-night Kids, Nicky e Pimperella (ternos irmãos que compartilhavam uma cama estreita), e que sobrevivera, com outros jornais, no sótão de Ardis Hall, o casamento Veen-Durmanov efectuou-se no dia de Santa Adelaide, em 1871. Doze anos e uns oito meses mais tarde, duas crianças nuas, uma de cabelos negros e bronzeada e a outra de cabelos negros e pele de uma brancura leitosa, curvadas sob um raio de Sol quente que entrava obliquamente pela trapeira, confrontaram casualmente essa data (16 de Dezembro de 1871) com outra (16 de Agosto do mesmo ano) anacronisticamente rabiscada, com a caligrafia de Marina, ao longo do canto de uma fotografia tirada por um profissional (numa moldura de pelúcia cor de framboesa, colocada sobre a mesa, com espaço para os joelhos, da biblioteca do marido) e idêntica em todos os pormenores — incluindo a disposição banal do véu ectoplásmico de uma noiva, parcialmente atirado por uma brisa leve para as calças do noivo — à reprodução do jornal. Em 21 de Julho de 1872 nasceu uma rapariga em Ardis, residência do seu pai putativo no condado de Lodore, e, por qualquer obscura razão mnemónica, foi registada como Adelaide. Em 3 de Janeiro de 1876 nasceu outra filha, desta vez realmente de Dan.

Além dessa antiga secção ilustrada da ainda existente, mas já muito gagá, *Kaluga Gazette*, os nossos travessos Pimpernel e Nicolette en-

contraram no dito sótão uma caixa de bobines contendo o que viriam a descobrir ser (segundo Kim, o moço da cozinha, como mais adiante se compreenderá) uma tremenda extensão de microfilme feito pelo *globetrotter*, com muitos dos seus exóticos bazares, querubins pintados e garotos a fazer chichi representados três vezes em pontes diferentes e em tonalidades diferentes de heliocor. Naturalmente, numa altura em que uma pessoa começava a constituir família, não estaria muito certo que revelasse certos *intérieurs* (como as cenas de grupo filmadas em Damasco, tendo como estrelas Dan e o arqueólogo fumador inveterado do Arcansas, com a fascinante cicatriz do lado do fígado, e as três prostitutas gordas e o *squitteroo* prematuro do velho Archie, como o terceiro membro masculino do grupo, uma jóia de um inglês, lhe chamava jocosamente); no entanto, a maior parte do filme, acompanhado por notas puramente factuais nem sempre fáceis de situar — em consequência das engenhosas ou enganosas marcações feitas nos vários guias de viagem espalhados por toda a parte —, foi projectada muitas vezes por Dan para a sua noiva, durante a sua instrutiva lua-de-mel em Manhattan.

Mas o melhor achado dos dois garotos proveio de uma outra caixa, numa camada mais antiga do passado. Tratava-se de um pequeno álbum verde com flores muito bem coladas, que Marina colhera, ou obtivera por outros meios, em Ex, uma estância montanhosa não muito longe de Brig, na Suíça, onde estivera antes do casamento, principalmente num chalé alugado. As primeiras vinte páginas estavam adornadas com uma quantidade de pequenas plantas colhidas ao acaso, em Agosto de 1869, nas encostas relvasas acima do chalé, ou no parque do Hotel Florey, ou no jardim do sanatório próximo («a minha *nusshaus*»², como a pobre Aqua lhe chamava por brincadeira, ou «o Lar», como Marina o identificava mais afectadamente nas suas notas locais). Essas primeiras páginas não apresentavam grande interesse botânico ou psicológico, e as cerca de cinquenta páginas finais estavam em branco; mas a parte central, com um notório decréscimo do número de espécimes, constituía um autêntico melodramazinho representado pelos fantasmas das flores mortas. Os espécimes estavam de um lado do fólio, com as notas de Marina Dourmanoff (*sic*) *en regard*.

*Ancolie bleuen des Alpes*³, Ex en Valais, 1-IX-69. Do inglês do hotel.
«Pombinha alpina, cor dos teus olhos.»

*Epervière auricule*⁴, 25-X-69, Ex, do jardim alpino murado do Dr. Lapiner.

Folha dourada [*ginkgo*]: caída de um livro, «A Verdade acerca da Terra», que Aqua me deu antes de voltar para o Lar. 14-xii-69.

Edelweiss artificial trazido pela minha nova enfermeira com um bilhete de Aqua dizendo que era de uma «*mizernoe* e bizarra» árvore de Natal do Lar. 25-xii-69.

Pétala de orquídea, de uma das 99 orquídeas, se faz favor, que me foram enviadas ontem, por mensageiro especial, *c'est bien le cas de le dire*, da Villa Armina, Alpes Marítimos. Escolhi dez para Aqua, para lhe serem levadas ao Lar. Ex en Valais, Suíça. «Nevando na bola de cristal do Destino», como ele costumava dizer. (Data apagada.)

*Gentiane de Koch*⁵, rara, trazida pelo *lapochka* [querido] Lapiner do seu «mudo gentiarium». 5-i-1870.

[borrão de tinta azul com o formato acidental de uma flor, ou utilização artificiosa de uma caneta de feltro para ocultar qualquer coisa escrita por baixo] *Compliquaria compliquata* var. *aquamarina*. Ex, 15-í-70.

Flor de papel de fantasia, encontrada na malinha de Aqua. Ex, 16-ii-1870, feita por outro doente do Lar, que já não é o dela.

Gentiana verna (*printanière*)⁶. Ex, 28-iii-1870, no relvado do chalé da minha enfermeira. Último dia aqui.

Os dois jovens descobridores do estranho e chocante tesouro fizeram a seu respeito os seguintes comentários:

— Deduzo — disse o rapaz — três factos principais: que a ainda não casada Marina e a sua já casada irmã hibernaram no meu *lieu de naissance*; que Marina tinha o seu próprio Dr. Krolik, *pour ainsi dire*, e que as orquídeas foram enviadas por Demon, que preferia estar junto ao mar, sua bisavó azul-escura.

— Posso acrescentar — disse a rapariga — que a pétala pertence à orquídea-borboleta comum; que a minha mãe ainda era mais doida do que a irmã; e que a flor de papel tão arrogantemente rejeitada é uma reprodução perfeitamente identificável de uma sanícula do princípio da Primavera, que vi em grande profusão nos montes da costa da Califórnia, no mês de Fevereiro passado. O Dr. Krolik, o nosso naturalista local, a quem tu, Van, te referiste, como Jane Austen o poderia ter feito, para uma informação narrativa rápida (lembras-te do Brown, não lembras, Smith?), classificou o exemplar que eu trouxe de Sacramento para Ardis como pé-de-urso, de U-R-S-O, meu amor, não o teu pé, ou o meu, ou o da rapariga da flor estabiana, uma alusão que o teu pai, que, segundo a Blanche, também é o meu, compreenderia assim (estalar de dedos ao estilo americano). Podes ficar-me grato — continuou, abraçando-o — por não mencionar o seu